

Boletim Conjuntural Semana 07/2025 – 13 de fevereiro de 2025

PERUS

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, nos doze meses de 2024, a exportação nacional de carne de peru atingiu 64.644 toneladas, resultando num ingresso de divisas da ordem de US\$ 153,794 milhões. Assim, registra-se uma queda de 8% (volume) e 23,3% (receita cambial) sobre igual período do ano anterior (volume: 69.617 toneladas e receita cambial: US\$ 200,528 milhões).

No acumulado de janeiro a dezembro de 2023, os principais estados produtores e exportadores foram: 1º - Santa Catarina (US\$ 63,656 milhões e 27.594 toneladas), 2º - Rio Grande do Sul (US\$ 59,143 milhões e 22.792 toneladas) e 3º - Paraná (US\$ 30,835 milhões e 13.647 toneladas).

No ano anterior, o Paraná apresentou os seguintes números: faturamento: US\$ 43,293 milhões e volume: 16.647 toneladas. Em relação ao ano anterior, os dois principais estados apresentaram situações semelhantes em relação ao volume exportado e receita cambial: Santa Catarina (- 11,7% e - 30,7%) e Rio Grande do Sul (- 0,2% e -11,3%).

O preço médio alcançado pela carne de peru “in natura” (94,3% do total exportado: 64.079 toneladas) foi de US\$ 2.355,68/tonelada, 11,9% menor que o

valor médio de US\$ 2.674,19/t, obtido no ano anterior.

Considerando-se os principais destinos das 64.079 toneladas exportadas no ano de 2024, os destaques foram (volume: toneladas e receita cambial): 1º - México (9.830 e US\$ 29,797 milhões), 2º - África do Sul (9.522 e US\$ 13,505 milhões), 3º - Países Baixos (8.637 e US\$ 33,486 milhões), 4º - Chile (7.013 e US\$ 19,915 milhões), 5º - Peru (2.852 e US\$ 6,509 milhões). Dentre os onze principais importadores de carne de perus, ainda se encontram: 6º - Reino Unido (2.771 e US\$ 9,865 milhões), 7º - Iraque (2.753 e US\$ 3,393 milhões); 8º - Guiné Equatorial (2.277 e US\$ 3,523 milhões), 9º - Gabão (1.586 e US\$ 2,281 milhões); 10º - Gana (1.563 e US\$ 2,075 milhões), e, 11º - Congo (1.495 e US\$ 2,188 milhões).

PEIXES

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

A produção e captura de peixes, mesmo com o grande crescimento observado nos últimos 10 anos, mais especificamente na produção de peixes em cativeiro, ainda é uma atividade relativamente pequena no Estado. Porém tem sua importância regional relevante na região Oeste do Estado e na região do Litoral paranaense.

Boletim Conjuntural Semana 07/2025 – 13 de fevereiro de 2025

A atividade de produção de peixes em cativeiro juntamente com a pesca de captura totalizou um valor bruto da produção paranaense (VBP) em 2023 de R\$ 2,07 bilhões, representando 1% do total do VBP que chegou a 197,8 bilhões. O principal item produzido é disparado a tilápia, que totaliza 85% do grupo de pescados.

Nos últimos anos o crescimento médio da atividade, em termos de valor, supera os 20% anuais. Com os investimentos realizados pela indústria de processamento, o cenário que se desenha para os próximos anos é otimista e espera-se que a atividade dobre de tamanho num curto espaço de tempo, possivelmente nos próximos três anos. Contudo, à medida que temos um avanço na produção, é razoável afirmar que os gargalos inerentes ao crescimento da atividade comecem a gerar impactos. Dentre elas a instabilidade nos preços dos insumos pode impactar negativamente a produção, assim como as oscilações no consumo em decorrência do cenário econômico brasileiro. Dado que a proteína em questão ainda é considerada cara para o consumidor brasileiro médio, e que um aumento consistente na renda é fundamental para impulsionar o consumo, tais variações podem afetar a demanda e, conseqüentemente, levar a indústria a otimizar sua produção.

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

Em janeiro de 2025, o preço médio de varejo dos cortes de carne suína monitorados pelo Deral no Paraná (lombo sem osso, paleta com osso e pernil com osso) teve a primeira redução depois de sete meses consecutivos de aumento. Essa queda, no entanto, foi pouco expressiva. O valor médio, que em dezembro de 2024 era de R\$ 22,22 por quilograma, passou para R\$ 22,19 em janeiro, representando uma queda de apenas R\$ 0,03 por quilograma ou 0,7%.

Ao analisar os cortes individualmente, observa-se que a paleta com osso e o pernil com osso apresentaram reduções de 2,6% (R\$ 0,48) e 2,3% (R\$ 0,43), respectivamente. Em contrapartida, o lombo sem osso registrou aumento de 2,8% (R\$ 0,82).

Na comparação com 2024, fica evidente o reflexo das elevações de preços que ocorreram especialmente no segundo semestre, em razão da alta demanda interna e externa. O preço médio dos cortes pesquisados, que era de R\$ 16,98 em janeiro de 2024, passou para R\$ 22,19 em janeiro de 2025, um acréscimo de 30,8%, equivalente a R\$ 5,20 a mais por quilograma.

No atacado, que corresponde ao preço praticado pela indústria, a redução do preço médio dos cortes monitorados pelo Deral foi

Boletim Conjuntural Semana 07/2025 – 13 de fevereiro de 2025

mais significativa. Em média, houve uma queda de R\$ 0,93 centavos por quilograma, o que representa uma retração de 6,7%. A maior redução foi observada na paleta com osso (-13% ou R\$ 1,87), seguida pelo pernil com osso (-6,7% ou R\$ 1,02). O lombo sem osso, por sua vez, registrou um aumento de 0,4% (R\$ 0,08), significativamente inferior à alta observada no varejo.

Para fevereiro, a expectativa é de uma leve redução no preço médio de varejo dos cortes analisados. No entanto, os valores ainda devem permanecer, em média, R\$ 5,00 por quilograma acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

BOVINOS

** Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Segundo dados do Índice Regional de Preços do Paraná – Alimentos e Bebidas, elaborado pelo Iparde, o mês de janeiro foi marcado por uma alta de 0,75% na média do estado. Apesar de ter sido impulsionado por outros produtos, como o café, dois dos três cortes bovinos pesquisados também influenciaram. É o caso do contrafilé, com alta de 0,91% no mês e da costela bovina, com 1,66%. Por outro lado, o patinho apresentou queda de 1,67% no mesmo período.

Já de acordo com a pesquisa de preços no atacado, elaborada pelo Deral, o dianteiro

bovino acumula alta de 44% nos últimos 12 meses (jan/24 a jan/25). O traseiro, por sua vez, apresentou uma alta mais discreta, de 25% no mesmo período. A necessidade de adquirir cortes mais baratos para encaixar a carne bovina no orçamento, aumentando sua demanda, pode ser uma das causas para a alta do dianteiro, de onde saem os cortes mais populares e de menor valor.

FRANGOS

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo o Agrostat Brasil / MAPA, considerando os doze meses de 2024, as exportações brasileiras de carne de frango cresceram 1,3% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 9,742 bilhões, em relação ao valor acumulado de 2023 (US\$ 9,619 bilhões). Já em termos de quantidade exportada houve um crescimento de 3% (2024: 5.157.24 toneladas e 2023: 5.009.313 toneladas).

No período analisado, o país exportou 94,2% de carne de frango na forma “in natura” - inteiros e cortes e 122.952 toneladas na forma de industrializados. Observou-se um recuo de 0,8% no volume de carne de frango “in natura” exportada: 2024 (4.856.176 toneladas) e 2023 (4.894.167 toneladas). Por consequência, do lado do faturamento do produto “in natura”, houve uma retração de 2% no acumulado dos doze meses do ano

Boletim Conjuntural Semana 07/2025 – 13 de fevereiro de 2025

anterior (2024: US\$ 9,055 bilhões e 2023: US\$ 9,242 bilhões). A queda do faturamento foi resultado de menor volume exportado - 0,8% e de 1,3%, no preço médio da carne de frango “in natura” exportado (2024: US\$ 1.864,70/tonelada e 2023: US\$ 1.888,33/tonelada).

Os principais destinos da carne de frango brasileiro em 2024 foram os seguintes (volume / faturamento): 1º - China (561.285 toneladas e US\$ 1,289 bilhão), 2º - Emirados Árabes Unidos (454.958 toneladas e US\$ 946.740 milhões), 3º - Japão (443.004 toneladas e US\$ 855,796 milhões); 4º - Arábia Saudita (370.642 toneladas e US\$ 818,455; e, 5º - África do Sul (324.189 toneladas e US\$ 186,565 milhões).

O desempenho dos principais países importadores foram (toneladas): China (-17,7%); África do Sul (-4,7%); Japão (+2,3%); Arábia Saudita (-1,6%); e, Emirados Árabes (+3,3%). No Paraná, ocorreu um crescimento no volume exportado total (+4%) e também, no faturamento (+7%). Os números do ano de 2024 foram: 2024 (volume: 2.171.025 toneladas / faturamento: US\$ 4,029 bilhões) e 2023 (volume: 2.087.395 toneladas / faturamento: US\$ 3,766 bilhões). Para a carne de frango “in natura” paranaense, observa-se um acréscimo no preço médio exportado, da ordem de 2,5% (2024: US\$ 1.817,86/t e 2023: US\$ 1.774,38/t).

O Paraná (1º produtor e 1º exportador), nos doze meses de 2024 continuou destacando-se no contexto nacional, com participação de 42,1% do volume exportado pelo país e com 41,4% da receita cambial (US\$). Os outros dois principais produtores e exportadores tiveram a seguinte participação (volume e faturamento): Santa Catarina (22,6% e 23,5%) e Rio Grande do Sul (13,4% e 13%).

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O relatório do Deral desta semana aponta que foram colhidos mais 570 mil hectares de soja no Estado do Paraná. Isto representa um avanço, comparativamente à semana passada, de 10 pontos percentuais. Na semana anterior o relatório apontava que estavam colhidos 23% da área total estimada de 5,77 milhões de hectares, já nesta semana o percentual saltou para 33%.

No campo restam pouco mais de 3,8 milhões de hectares para serem colhidos e o maior volume concentra-se na região sul, com aproximadamente 40%, e na região norte, com 35%. As condições de lavoura permanecem estáveis, sendo 77% da área a colher considerada boa, 20% apresentam condição mediana e apenas 4% têm condição ruim.

Boletim Conjuntural Semana 07/2025 – 13 de fevereiro de 2025

MANDIOCA

**Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

Os preços da tonelada de mandioca recebidos pelos produtores paranaenses arrefeceram 4,2% no último mês. Apesar de menor que os R\$ 673,47 obtidos em dezembro de 2024, a média de R\$ 645,17 obtida em janeiro deste ano é 15% superior à observada em janeiro de 2024. Assim como os valores praticados no último trimestre de 2024, este preço atual colabora para aumentar o ânimo com a cultura entre os agricultores, que já comemoravam as boas produtividades obtidas em 2024. Com a colheita encerrada em dezembro, estima-se uma oferta de 3,69 milhões de toneladas, 4% a mais que as 3,57 milhões obtidas em 2023, apesar da menor área colhida.

Com preços remuneradores e com a cultura respondendo bem em termos de produtividade, mesmo quando confrontada a períodos secos, a área colhida de mandioca deve ter uma expansão de 8% em 2025. Também colabora com este aumento de área as dificuldades climáticas e de preços enfrentadas pela soja e pelo milho nos últimos anos, especialmente na região do Arenito Caiuá. Aliada à expansão da área, estima-se para 2025 uma produtividade de 27,6 t/ha, que, se confirmada, pode gerar uma oferta de

4,14 milhões de toneladas a serem colhidas ao longo desse ano.

Na indústria, os preços da fécula dão sustentação ao bom momento da atividade, com 25kg do produto sendo comercializados por R\$111,96, valor similar ao de dezembro de 2024, mas 48% superior ao registrado em janeiro de 2024 (R\$ 75,59).

BANANA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

O Paraná foi o décimo terceiro produtor nacional de bananas em relação às colheitas e o 16º em Valor Bruto de Produção/VBP, com área de 7,5 mil hectares (ha), produção de 148,2 mil toneladas (t) e VBP de R\$ 213,3 milhões em 2023. O estado participa com 1,2% dos espaços, 2,2% dos volumes colhidos e 1,5% do VBP da musáceas no país, conforme a Pesquisa Agropecuária Municipal 2023, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/PAM).

Os bananais brasileiros forneceram 6,8 milhões de toneladas em uma área colhida de 456,5 mil ha, gerando um VBP de R\$ 13,8 bilhões, sendo São Paulo (14,3%), Minas Gerais (12,4%), Santa Catarina (10,2%) e Bahia (12,6%) os principais produtores e juntos respondem por 49,5% de todo o volume produzido. A fruta é a segunda em importância no país - liderada pela laranja - abarca 14,5% das superfícies frutícolas, 15,2% das

Boletim Conjuntural Semana 07/2025 – 13 de fevereiro de 2025

quantidades extraídas e 17,2% do VBP da Fruticultura.

No âmbito estadual foi a quarta espécie em VBP e a segunda em volume colhido, representando 7,4% no montante financeiro e 11,8% nas quantias coletadas. (FRUTI/PR 2023: 54,3 mil ha; 1,4 milhão de t e R\$ 2,9 bilhão).

Nos últimos dez anos a atividade reduziu sua dimensão, com uma queda de 22,2% na área e 30,1% nas colheitas, pois em 2014 os bananais alçavam 9,9 mil ha e produção de 230,2 mil toneladas. Em 2023 os números aferidos por este Departamento apontam uma área de 7,7 mil ha, colheitas de 160,8 mil toneladas e VBP de R\$ 213,2 milhões.

A bananicultura paranaense está distribuída em 311 municípios, no entanto se concentra no Litoral do estado que responde por 59,0% dos volumes e valores da atividade: são 4,2 mil ha, colheitas de 95,0 mil toneladas e R\$ 125,8 milhões de VBP. O município de Guaratuba aufere 47,8% do total estadual do setor e produziu 76,8 mil toneladas em 3,2 mil hectares, posicionando o município em trigésimo terceiro lugar nas estatísticas nacionais da cultura, com 0,9% das bananas colhidas no Brasil, sendo a comunidade de Cubatão o epicentro dos cultivos.

A região de Apucarana é a segunda em importância com 9,8% dos volumes e rendas

da atividade, alçando o município de Novo Itacolomi também como o segundo produtor estadual, angariando 7,1% dos indicadores acima da bananicultura no Paraná.

O regional de Cornélio Procópio no Norte Pioneiro ocupa a terceira posição com 5,8% dos volumes colhidos, sendo Santa Amélia o principal produtor na terra vermelha e o oitavo no estado, com produção de 2,0 mil toneladas extraídas de 92,0 ha. O VBP municipal gerado pela fruta foi de R\$ 2,7 milhões em 2023.

Na Região Metropolitana de Curitiba, a comunidade de Castelhanos, em São José dos Pinhais, quinto município produtor é responsável por 4,4% das colheitas estaduais, onde em 240,0 ha colheu-se 4,0 mil toneladas rendendo um VBP de R\$ 5,3 milhões.

Estas quatro regiões compreendem 79,5% da bananicultura no estado, no entanto o segmento tem polos de produção importantes nos regionais de Cascavel e Jacarezinho cujas parcelas são de 3,5% da produção e do VBP, cada.

O bananicultor paranaense recebeu R\$ 32,48/cx22kg em janeiro último, quando em dezembro/24 praticou-se R\$ 35,44/cx22kg, uma redução de 8,33%; em janeiro/24 a cotação nominal estava em R\$ 25,95/cx22kg, representando uma elevação de 25,2%, entre os janeiros de cada ano.

Boletim Conjuntural Semana 07/2025 – 13 de fevereiro de 2025

No atacado (CEASAS/PR - Curitiba) os preços nesta segunda semana de fevereiro para a caixa de 20kg da banana caturra/nanica de primeira estão 18,1% menores que na mesma semana de janeiro passado - Jan/25 R\$ 55,00/cx20kg – 10fev25 R\$ 45,00 -, e 35,7% abaixo do praticado na semana equivalente a 2024 quando a cotação nominal estava em R\$ 70,00/20kg.

O varejo precificou o quilograma da banana caturra/nanica em janeiro último em R\$ 5,31 o quilograma, cerca de 1,71% abaixo dos nominais R\$ 5,40/kg de dezembro passado. Já em relação ao mesmo período em 2024 observa-se uma elevação de 35,6% quando os preços nominais se estabeleceram em R\$ 3,91/kg.

Os prejuízos das chuvas torrenciais que se abateram na zona rural de Guaratuba no final de semana - 150mm conforme o Corpo de Bombeiros – ainda estão sendo contabilizados. No entanto informações preliminares dão conta de 1,5 mil ha com bananais foram afetados pelos alagamentos. Num primeiro momento as perdas se darão na qualidade das frutas a serem colhidas, exigindo um beneficiamento acurado dos bananicultores, além de um custo maior para esta ação e certamente terão um menor preço pelo produto final, comprometendo a remuneração no campo. Da superfície afetada citada, cerca de 80,0 ha apresenta perda total,

com recuperação destas áreas somente ao final deste ano.

Sob outra lente, nas Centrais de Abastecimento do Paraná - Ceasa/PR em 2022 a oferta de bananas de nosso estado representou em torno de 30% das 83,0 mil toneladas anuais transacionadas, sendo Santa Catarina o principal fornecedor com 49,0% deste volume e 10,0% de São Paulo. Assim, algum repique altista nos preços pode ocorrer pontualmente com rápido rearranjo nas cotações.

BATATA-DOCE

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

Conhecida pela sua rusticidade, resistência, alto potencial produtivo e propriedades nutraceuticas, a batata-doce é cultivada no país em 24 unidades da federação e distribuída em 1.717 municípios (30,8% de 5.570). Entre os Censos Agropecuários de 2006 e 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, percebeu-se sua migração do Nordeste para o Sudeste do Brasil, e seguindo esta caminhada até o Sul.

A Pesquisa Agrícola Municipal/PAM do IBGE aponta para um incremento de 53,6% nas áreas entre 2014 e 2023, acompanhado de colheitas crescentes na ordem de 76,0%, o Valor Bruto da Produção/VBP real (i.e.

Boletim Conjuntural Semana 07/2025 – 13 de fevereiro de 2025

deflacionado), indica um crescimento de 90,1%.

No início da série em tela a superfície cultivada era de 39,7 mil hectares (ha), ao final foi de 61,0 mil ha; as quantidades colhidas passaram de 555,8 mil toneladas (t) para 925,6 mil t e o VBP real ascendeu de R\$ 972,2 milhões a R\$ 1,8 bilhão.

Os estados do Ceará, São Paulo e Rio Grande do Sul concentram a produção, respondendo por 17,7%, 17,1% e 16,5% dos volumes colhidos em 2023 e juntos respondem por 51,3% das batatas-doces retiradas dos solos brasileiros.

O Paraná figura como o nono produtor nacional e participa com 6,2% das colheitas da atividade, sendo São José dos Pinhais, com 1,4% dos volumes, plotado como o décimo sétimo (17º) nas aferições do Instituto. No entanto, em contraponto aos números do país, nossa área apresentou uma redução de 20,5%, de 28,5% nas quantidades e de 34,4% no VBP real na última década.

Se em 2023 a superfície com a batata-doce foi de 3,3 mil ha, em 2014 contava com 4,1 mil ha. A produção por sua vez era de 84,4 mil t em tempos idos, ao final da série colheu-se 60,2 mil t e o VBP de R\$ 184,4 milhões reais minguou a R\$ 121,0 milhões.

A cultura tem produções solidificadas nos Núcleos Regionais de Curitiba (25,7%), Londrina (17,7%) e Francisco Beltrão (12,6%)

que representam 56,0% do total colhido no estado com as demais 20 regionais em complemento. Os municípios de Londrina (12,6%) e São José dos Pinhais (12,5%) respondem por ¼ de todo o volume colhido e a batata-doce é explorada comercialmente em outras 329 localidades paranaenses.

Na olericultura estadual a solanácea ocupa a nona posição quando se observa a área cultivada, a décima fração focada nas quantidades colhidas e a décima quarta na lente das receitas brutas obtidas (VBP).

Pela ausência de cotações de preços ao produtor rural e no varejo, o referencial da precificação nesta análise serão as informações da Central de Abastecimento do Paraná – CEASA/PR entreposto de Curitiba, assim a caixa de 20 quilos da batata-doce extra roxa no início desta semana foi transacionada a R\$ 35,00, valor 36,4% menor aos preços do mesmo período em 2024 quando praticou-se R\$ 55,00/cx20kg de preços correntes. Em relação a janeiro último, na semana passada não ocorreram variações.

Deve considerar que a comercialização na praça curitibana da raiz é baixa nos meses de janeiro e fevereiro, equilibrada em dezembro, março, abril e maio e aquecida entre junho a novembro.